VINICIUS, A ARTE DO ENCONTRO

MARIA DO CARMO CAMPOS

A vida não é brincadeira, amigo.
A vida é a arte do encontro
Embora haja tanto desencontro pela vida.
— Vinicius de Moraes

Acepta en él la sal y alegría
Que nos lleva en la tierra, mano a mano
A celebrar lo divino y lo humano
Y a vivir de verdad la poesía.
— Pablo Neruda, "Soneto a Vinicius"

Saiba que os poetas como os cegos
Podem ver na escuridão.
— Chico Buarque

O material do poeta é a vida, dissemos.
Por isso, me parece que a poesia é a mais
humilde das artes. [...] Mas para o poeta
a vida é eterna. Ele vive no vórtice dessas
contradições, no eixo desses contrários.
— Vinicius de Moraes

Para muitos, o nome de Vinicius de Moraes está ligado à música popular brasileira. É o poetinha, o parceiro de Tom Jobim e de tantos outros, o camarada, o letrista de canções eternas como "Garota de Ipanema", "Samba da bênção", "Berimbau", "A felicidade", "Chega de saudade", "Minha namorada" e "Marcha da quarta-feira de cinzas". Para outros, seu nome está assinado junto aos poetas brasileiros mais representativos do século XX, ao lado de Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Augusto Frederico Schmidt, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto. Para alguns críticos, a obra de Vinicius de Moraes carrega controvérsias, algumas de difícil resolução, sobretudo para os que insistem em classificá-la em algum período ou movimento literário.

Os primeiros livros inscrevem-se na linha de uma poesia clássica, de alta erudição, inspirada em Camões e outros poetas. Vinicius não tinha por objetivo construir um projeto modernista e permitiu-se aderir, ao longo da vida, a diversas tendências, quer românticas ou simbolistas. Manuel Bandeira identificava-lhe com precisão

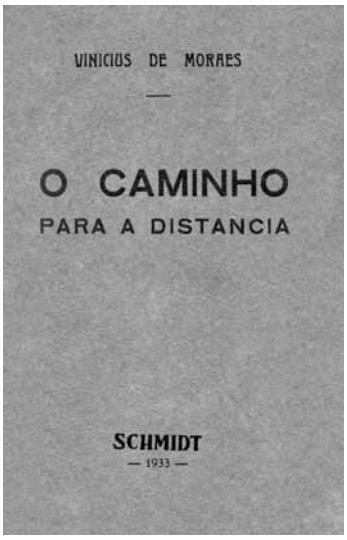
> o fôlego dos românticos, a espiritualidade dos simbolistas, a perícia dos parnasianos (sem refugar, como estes, as sutilezas barrocas) e, finalmente, homem bem do seu tempo, a liberdade, a licença, o esplêndido cinismo dos modernos.

PARA SABER MAIS SOBRE POESIA

Moisés, Carlos Felipe.
Poesia não é difícil.
Porto Alegre, Artes & Ofícios, 1996.

Trevisan, Armindo.
Vamos aprender poesia?
Porto Alegre, AGE, 2008.

Foi poeta, letrista, músico, cronista, dramaturgo: seu perfil camaleônico, a natural inquietude e a paixão com que se lançou à vida e à arte tornam a obra refratária a certas acomodações didáticas. O objeto *Vinicius de Moraes* reluta em comprimir-se numa "gaveta" previamente existente.



Vinicius construiu uma obra de largos horizontes, densa e diversa nas várias etapas. A condição plural de um indivíduo que foi diplomata, poeta, compositor e autor de obra original soma-se às variações próprias a cada trabalho e a cada faceta da sua têmpera artística. O exame do conjunto levou Eduardo Portella a designá-lo como um poeta ao mesmo tempo dramático e erótico.

Temas bíblicos como "Senhor, eu não sou digno", "O bom pastor" e "O bom ladrão" intitulam e sustentam muitos poemas dos primeiros livros publicados pelo jovem Vinicius a partir de 1933: *O caminho para a distância*, *Forma e exegese* e *Ariana, a mulher*. Essa obra inicial, considerada menos importante pelos críticos, alinha-se com a tradição da poesia ocidental e traz belas representações sobre o tema das origens, relacionadas aos mitos e à criação do mundo. No livro *Forma e exegese*, podemos ler fragmentos de "O nascimento do homem":

Tinha nascido o poeta. Sua face é bela, seu coração é trágico
seu destino é atroz; ao triste materno beijo mudo e ausente
Ele parte! Busca ainda as viagens eternas da origem
Sonha ainda a música um dia ouvida em sua essência…

O poema "Os malditos" focaliza, de um ponto de vista mítico, a "aparição" dos poetas, descritos como "anjos rebelados": "voávamos — Deus dera a asa do bem e a asa do mal às nossas formas impalpáveis".

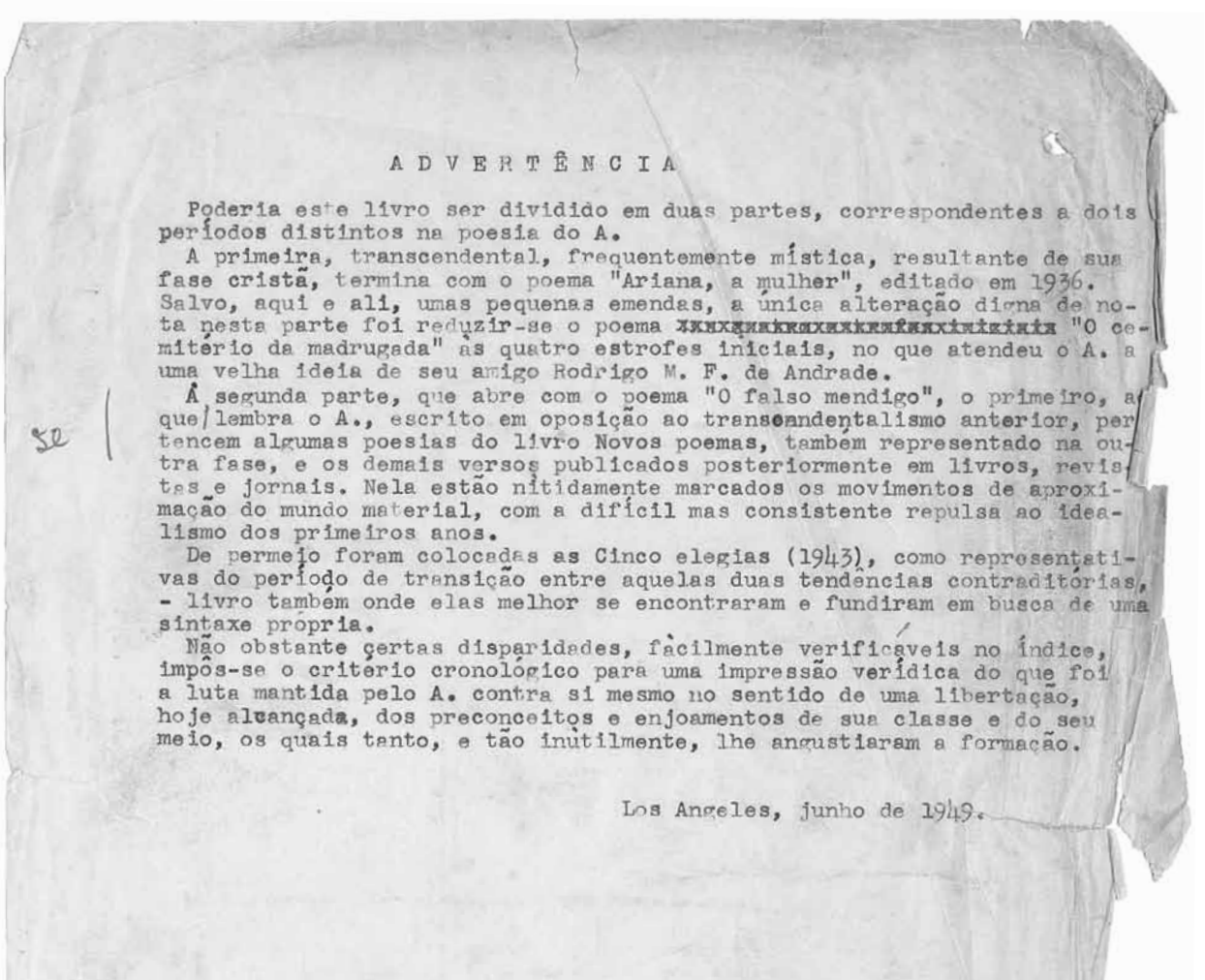
As *Cinco elegias* (1943), escritas no Brasil e na Inglaterra, foram traduzidas para o francês. Os temas são ampliados e passam a perquirir um cotidiano urbano e moderno, repleto de lutas, misérias, boemias e amores, como se observa em "O desespero da piedade". A "Elegia quase uma ode", primeira da série, traz uma confissão candente e alentada das angústias humanas, em sintonia com outras vozes poéticas da língua portuguesa, evocando inclusive Álvaro de Campos, um dos heterônimos de Fernando Pessoa. O sentimento da intensidade do vivido e a recuperação acelerada das lembranças movem-se em vários planos numa voltagem quase cinematográfica: foro íntimo, família, religião, mulheres, escritores e músicos são invocados, numa apreensão oceânica da experiência. Esta se abre para o coletivo e moderniza o lirismo:

Por que eu caminhando
Eu pensando, eu me multiplicando, eu vivendo
Por que eu nos sentimentos alheios
E eu nos próprios sentimentos
Por que eu animal livre pastando nos campos
E príncipe tocando o meu alaúde entre as damas do senhor rei meu pai

Por que eu truão nas minhas tragédias
E Amadis de Gaula nas tragédias alheias?
[...]
Que hei de fazer de mim que sofro tudo
anjo e demônio, angústias e alegrias
[...]

Já o segmento "O desespero da piedade" vale-se do formato de oração ("Meu Senhor, tende piedade...") para representar uma série de dramas sociais e situações corriqueiras da época, com muita ênfase nas diferentes formas de vida das mulheres. A "Última elegia", escrita em 1939, apresenta uma série de experimentações formais e adianta-se a alguns procedimentos da poesia concreta, valorizando expedientes usados por James Joyce. Trata-se de uma fala de amor, que mistura a língua portuguesa com a língua inglesa.

Quando sai a *Antologia poética*, em 1954, Vinicius, num texto introdutório, refere-se à própria obra dividindo-a em duas fases, a primeira de caráter "transcendental" e a segunda marcada por "movimentos de aproximação do mundo material". Os temas clássicos, os versos alongados e a linguagem elevada da primeira entram em colisão com tendências modernistas da literatura brasileira. O poeta desenvolve considerável afinidade com seus contemporâneos, mas seu projeto ultrapassa as linhas de força e prioridades em voga. O fôlego artístico não encontra limites nesse ponto, tampouco se reduz a fases precisas. Há que se ler a obra com liberdade e em várias direções.



A D V E R T Ê N C I A

Poderia este livro ser dividido em duas partes, correspondentes a dois períodos distintos na poesia do A.

A primeira, transcendental, frequentemente mística, resultante de sua fase cristã, termina com o poema "Ariana, a mulher", editado em 1936. Salvo, aqui e ali, umas pequenas emendas, a única alteração digna de nota nesta parte foi reduzir-se o poema "O cemitério da madrugada" às quatro estrofes iniciais, no que atendeu o A. a uma velha ideia de seu amigo Rodrigo M. F. de Andrade.

A segunda parte, que abre com o poema "O falso mendigo", o primeiro, a que se lembra o A., escrito em oposição ao transcendentalismo anterior, pertencem algumas poesias do livro Novos poemas, também representado na outra fase, e os demais versos publicados posteriormente em livros, revistas e jornais. Nela estão nitidamente marcados os movimentos de aproximação do mundo material, com a difícil mas consistente repulsa ao idealismo dos primeiros anos.

De permeio foram colocadas as Cinco elegias (1943), como representativas do período de transição entre aquelas duas tendências contraditórias, - livro também onde elas melhor se encontraram e fundiram em busca de uma sintaxe própria.

Não obstante certas disparidades, fàcilmente verificáveis no índice, impôs-se o critério cronológico para uma impressão verídica do que foi a luta mantida pelo A. contra si mesmo no sentido de uma libertação, hoje alcançada, dos preconceitos e enjoamentos de sua classe e do seu meio, os quais tanto, e tão inùtilmente, lhe angustiaram a formação.

Los Angeles, junho de 1949.

O livro *Poemas, sonetos e baladas*, publicado em 1946 e reeditado em 2008, é reconhecido como o ponto culminante da obra viniciana, que ganha em densidade, tornando quase remotas as tentativas de equacionar fases ou tendências. Nesse livro encontramos muitos sonetos, como os antológicos "Soneto de fidelidade", "Soneto de separação" e "Soneto da quarta-feira de cinzas", além dos poemas "O dia da Criação", "Poema de Natal" e as bem pensadas "Balada das meninas de bicicleta", "Balada das arquivistas", "Balada do mangue", "Baladas dos mortos dos campos de concentração", além de "Rosário", "Os acrobatas", "Cinepoema", "Azul e branco". Destacam-se a multiplicidade de tons, formas e dicções que nutrem a força poética do livro. Por exemplo, os versos de "Marinha" conjugam com maestria uma série de imagens que captam a dinâmica da paisagem: sem se alongar no discursivo, o poema aciona a carga visual e a sonoridade.

Na praia de coisas brancas
Abrem-se às ondas cativas
Conchas brancas, coxas brancas
Águas-vivas.

Aos mergulhares do bando
Afloram perspectivas
Redondas, se aglutinando
Volitivas.

E as ondas de pontas roxas
Vão e vêm, verdes e esquivas
Vagabundas, como frouxas
Entre vivas!

O leitor pode constatar que o poema "Marinha" está situado próximo ao magnífico "Soneto de fidelidade", que segue a linhagem de Camões, modernizando-a. É um soneto predestinado a eternizar-se na memória poética da língua portuguesa:

De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Vinicius, por volta de dezenove anos.

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Inovam-se os temas da poesia, o que se observa na representação do feminino. As mulheres, outrora deusas ou musas, deixam a antiga condição e são captadas ao vivo, em carne e osso, como anuncia o poema "A mulher que passa".

[…] *Oh! como és linda, mulher que passas*
Que me sacias e suplicias
Dentro das noites, dentro dos dias!

Teus sentimentos são poesia
Teus sofrimentos, melancolia.
Teus pelos leves são relva boa
Fresca e macia.
Teus belos braços são cisnes mansos
Longe das vozes da ventania.

Meu Deus, eu quero a mulher que passa!

Nessa versão, as mulheres que passam são aquelas que o poeta vê no cotidiano da cidade: meninas de bicicleta, arquivistas ou prostitutas do mangue, essas últimas poetizadas como "pobres flores gonocócicas/ que à noite despetalais/ as vossas pétalas tóxicas!". A figura da "mulher que passa" sinaliza uma mudança dos costumes, evidenciada desde o século XIX na modernidade europeia. O poema "A uma passante", de Charles Baudelaire, retrata a visão fugaz da mulher, uma beldade fugitiva a ser reencontrada um dia na eternidade. Cada vez mais mulheres andam nas ruas, fato que estimula a inspiração de Vinicius em várias dicções. Ampliando as imagens do feminino, o poeta deixa para a posteridade a figura graciosa da "Garota de Ipanema", celebrada no samba dos anos 60 com música de Antonio Carlos Jobim, sucesso no Brasil e no exterior.

Olha que coisa mais linda
Mais cheia de graça
É ela menina
Que vem e que passa
Num doce balanço
A caminho do mar…

Moça do corpo dourado
Do sol de Ipanema
O seu balançado é mais que um poema
É a coisa mais linda que eu já vi passar…

Nos anos 50, em Paris, Vinicius escreve "Receita de mulher", que foi traduzido para o francês. O poema trabalha um conjunto de imagens que resultam do olhar amoroso, antecipando as práticas atuais da publicidade e do mercado em relação aos estereótipos do corpo feminino. Contudo, a delicadeza, a erudição e o lirismo do poema singularizam a "receita" e a distinguem dos padrões arbitrários que banalizam a beleza e o erotismo.

[...] *Ah, deixai-me dizer-vos*
Que é preciso que a mulher que ali está como a corola ante o pássaro
Seja bela ou tenha pelo menos um rosto que lembre um templo e
Seja leve como um resto de nuvem: mas que seja uma nuvem
Com olhos e nádegas. Nádegas é importantíssimo. Olhos, então
Nem se fala, que olhem com certa maldade inocente. [...]
Que haja uma hipótese de barriguinha, e em seguida
A mulher se alteie em cálice, e que seus seios
Sejam uma expressão greco-romana, mais que gótica ou barroca
E possam iluminar o escuro com uma capacidade mínima de cinco velas.

No mesmo período, surge a peça *Orfeu da Conceição*, encenada em 1956 no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, com a canção "Se todos fossem iguais a você" e a "Valsa de Eurídice", além do pungente monólogo do amor de Orfeu. É notável a agilidade com que Vinicius transita entre o popular e o erudito, o escrito e o oral, o antigo e o moderno, a poesia e a música, o universal e o nacional. *Orfeu da Conceição* dá origem a um disco e ao filme *Orfeu negro*, que mereceu a Palma de Ouro no Festival de Cannes, na França. Da trilha do filme, destacam-se "Manhã de Carnaval" e "Samba de Orfeu". O poeta abrasileirou o mito grego, que é incorporado ao cenário físico e antropológico dos morros do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo que são valorizadas a linguagem e a gíria popular, todas as personagens da "tragédia" devem ser "representadas por atores da raça negra".

Ubíquo e inquieto, Vinicius trabalha e vislumbra mais horizontes. O popular "O dia da Criação" se inicia com uma epígrafe extraída do Antigo Testamento (*Macho e fêmea os criou*), dando vazão ao sentimento religioso e às inquietações existenciais. O poema instala-se como um canto que se prolonga ao modo de uma reza ou ladainha, *porque hoje é sábado*. A criação do ser humano é atualizada e decantada num moinho de situações, desde as coisas habituais aos maiores desesperos, absurdos e paixões.

Descansasse o Senhor e simplesmente não existiríamos
[...] *Seria a indizível beleza e harmonia do plano verde das terras e das águas em núpcia...*

O leitor pode comparar "O dia da Criação" com outros poemas de temática bíblica ("O nascimento do homem"), aproximando momentos distintos da obra. Da mesma forma, o poema "Os acrobatas", de expressão erótica, pode ser lido em paralelo ao poema "Sursum", de caráter litúrgico.

ORFEU
Segundo a mitologia grega, Orfeu era filho de Apolo e de Clio. Músico extraordinário, tocava lira e cítara, à qual juntou mais duas cordas além das sete anteriores. Os acordes de Orfeu eram tão melodiosos que encantavam os animais, os ventos, os rios, as árvores e as pedras, acalmando feras e espíritos malignos. A perfeição do seu talento era utilizada para civilizar os costumes selvagens dos trácios. Orfeu foi considerado o pai da música e da poesia, e seu mito tem fascinado artistas, músicos e poetas desde então. A amada Eurídice, tentando fugir de Aristeu, que queria violentá-la, morre picada por uma serpente. Destroçado pelo sofrimento, Orfeu enfrenta o maior perigo, a descida aos Infernos, que eram guardados pelo cão Cérbero e pelo barqueiro Caronte. Com seu canto, abranda os terríveis inimigos para alcançar seu alvo de libertar Eurídice da morada das sombras. Os deuses das trevas, atingidos pela música, aceitam a libertação, impondo a Orfeu a condição de jamais olhar para trás durante a viagem de volta. Quase na superfície da terra, Orfeu não resiste e volta-se na direção de Eurídice. Quebrado o pacto, a esposa regressa ao mundo das sombras. Impedido de voltar, Orfeu retorna ao lugar dos humanos e morre apedrejado pelas bacantes, mulheres da Trácia, que mutilam seu corpo e o atiram no rio junto com a lira.

Subamos!
Subamos acima
Subamos além, subamos
Acima do além, subamos!
Com a posse física dos braços
Inelutavelmente galgaremos
O grande mar de estrelas
Através de milênios de luz

Subamos!
Como dois atletas
O rosto petrificado
No pálido sorriso do esforço
Subamos acima
Com a posse física dos braços
E os músculos desmesurados
Na calma convulsa da ascensão.

Com sua mulher, Tati, e sua filha, Susana, em Los Angeles (1946).

É importante lembrar que Vinicius de Moraes foi diplomata em Los Angeles, em Paris e em Montevidéu. Sua vida foi enriquecida por muitas viagens, que renderam descobertas e contatos com artistas e escritores, encontrados ao vivo ou através das obras. Como todos os grandes poetas, Vinicius leu muito. Sua obra tem traços de forma e conteúdo que lembram as Sagradas Escrituras, os mitos, os autores clássicos, os maiores poetas europeus, as raízes culturais, a música e a modernidade do Brasil. Das viagens, dos encontros e achados, provêm muitos nomes estrangeiros como Rimbaud, Verlaine, Rainer Maria Rilke, Katherine Mansfield, Federico García Lorca, Paul Valéry, Leopardi, Rafael Alberti, Paul Éluard, William Blake, T. S. Eliot e Eisenstein, todos inscritos nos poemas de Vinicius. Os latino-americanos Nicolás Guillén e Pablo Neruda também ocupam seus espaços.

O soneto "Poética (1)", escrito em Nova York (1950), utiliza versos breves em forma clássica, resultando em feliz expressão do modo como o sujeito Vinicius, inquieto viajante, move-se no espaço e no tempo. Curioso é seguir mais rastros dessa "poética", desenhada em suas múltiplas sinuosidades.

De manhã escureço
De dia tardo
De tarde anoiteço
De noite ardo.

A oeste a morte
Contra quem vivo
Do sul cativo
O este é meu norte.

Outros que contem
Passo por passo:
Eu morro ontem

Nasço amanhã
Ando onde há espaço:
— Meu tempo é quando.

Década de 50.

Atraído pela genialidade de um poeta alemão, Vinicius escreve em uma crônica: "Andei folheando as *Cartas a um jovem poeta*, os *Sonetos a Orfeu* e algumas *Elegias de Duíno*". Às voltas com os abismos da poesia, conta a impressionante irrupção da poesia em Rilke que, num refúgio na Suíça, escreveu em três semanas oito das *Elegias de Duíno*, os 55 *Sonetos a Orfeu* e vários outros poemas "num sopro de criação poucas vezes igualado, só comparável talvez a certos instantes de música e de pintura em Michelangelo e Beethoven".

Para compor sua arte do encontro, Vinicius não economiza diálogos e afinidades. As inúmeras leituras vão sendo localizadas. Há um "Soneto a Katherine Mansfield", que refere cartas, relembradas como um perfume, um poema de homenagem. "À Verlaine" busca compreender certa "maldição" que subjaz aos versos do simbolista francês. Já em "Bilhete a Baudelaire" salta aos olhos o contraste entre o título, que sugere uma forma simples, e o corpo do poema, na forma de soneto, inspirado numa velha foto do autor de *As flores do mal*. Já "As mulheres ocas" evocam a poesia de T. S. Eliot, parodiando o título de um dos poemas mais marcantes do século XX, "The hollow men" ["Os homens ocos"].

O poeta espanhol Federico García Lorca é celebrado no poema "A morte de madrugada" e na crônica "Morte de um pássaro". Esta descreve, ao modo de um réquiem, a pungência do medo e dos sentimentos que teriam acometido Lorca na iminência de sua execução. Inconformado com a injustiça e o arbítrio, Vinicius imagina uma comovente despedida de Lorca e identifica nele um desejo de encontrar seus amigos:

> Por um segundo passou-lhe a visão de seus amigos distantes [...] e a minha própria visão, a do poeta brasileiro que teria sido como um irmão seu e que dele viria a receber o legado de todos esses amigos exemplares, e que com ele teria passado noites a tocar guitarra, a se trocarem canções pungentes.

Outro poeta espanhol do século XX desperta a leitura de Vinicius e a escrita do "Soneto no sessentenário de Rafael Alberti", de 1962:

A luminosa lágrima que verte
Hoje de ti saudosa a tua Espanha
Quero bebê-la em forma de champanha
Na mesma taça em que bebeste, Alberti.

E brindaremos, para que desperte
Num ímpeto feroz de touro em sanha
Sedenta de viver, a tua Espanha
Que um mau toureiro derrotou inerte.

Beberemos, irmão, para que bem haja
Teu povo malferido, e que reaja
E do encontro final, rútilo e forte

Reste na arena o touro sobranceiro
E pela arena, o sangue do toureiro
Conte que a vida renasceu da morte.

Além dos versos dedicados aos poetas Leopardi, Paul Éluard, William Blake, encontramos ainda um "Tríptico na morte de Sergei Mikhailovitch Eisenstein", que revela sua paixão pela sétima arte. O poema enaltece a memória e a obra do russo, cineasta pioneiro, através de versos assim:

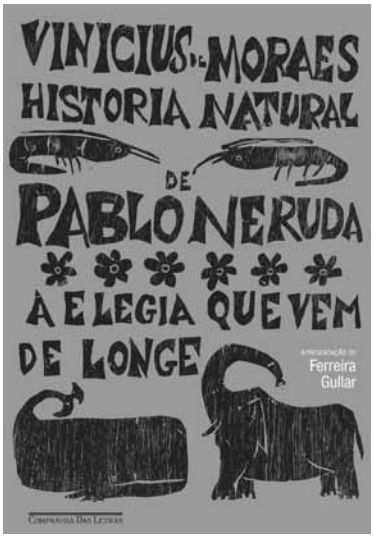
[...] *Boa viagem*

Camarada, através dos grandes gelos
Imensuráveis. Nunca vi mais belos
Céus que esses que sob que caminhas, só

E infatigável, a despertar o assombro
dos horizontes com tua câmara ao ombro...

Em 1947, Vinicius estudou cinema com Orson Welles em Los Angeles, e mais tarde fotografou e filmou as cidades mineiras que compõem o roteiro do Aleijadinho.

O livro *História natural de Pablo Neruda: a elegia que vem de longe* assinala a morte do poeta chileno e contém xilogravuras de Calasans Neto. Publicado na Bahia (1974), ostenta a dedicatória "a meu irmão Pablo Neruda em sua morte transmatura", que se amplia a Zélia e Jorge Amado, Di Cavalcanti, Carybé, Rubem Braga e Paulo Mendes Campos, entre outros. Traz poemas como "Breve consideração à margem do ano assassino de 1973", "Los Angeles, 1948", "Soneto a Pablo Neruda", "Oração para as pernas de Neruda em Paris" e muitos outros que homenageiam artistas, poetas e até os profetas do Aleijadinho. "Breve consideração..." expressa a dor pela morte de três artistas — três Pablos —: o pintor Picasso, o músico Cassals e o poeta Neruda. Em "Los Angeles, 1948", Vinicius dirigia-se a Neruda, ainda a lamentar os arbítrios da história na Europa e na América:



Agora, no entanto, a noite, amigo
Se estende sobre nós, plantada de lírios,
Faiscantes. Lorca morreu. Outros morrerão

Talvez tu, talvez eu. O inimigo
Possui fuzis, o que não impede a primavera
De ser saudada pelos pássaros.

[…] *É a noite*
de 14 de abril de 1948: dois dias depois
de sufocada a revolução da Colômbia. Mais uma
Que foi sufocada. Quantas serão precisas, Pablo.
Quantas retaliações, quantos cadáveres?
Serão precisos muitos cadáveres, poeta.
Talvez o meu, talvez o teu e até o da mulher amada.
O fato de se acordar e se estar vivo
Já não quer dizer nada.

No "Soneto a Pablo Neruda", escrito na travessia do Atlântico, Vinicius evoca os caminhos que os dois companheiros fizeram juntos e celebra o "irmão" como "Cantor Geral", que "voa mais alto e melhor no céu entoa…"

Quantos caminhos não fizemos juntos
Neruda, meu irmão, meu companheiro…
Mas este encontro súbito, entre muitos
Não foi ele o mais belo e verdadeiro?

Canto maior, canto menor — dois cantos
Fazem-se agora ouvir sob o cruzeiro
E em seu recesso as cóleras e os prantos
Do homem chileno e do homem brasileiro

E o seu amor — o amor que hoje encontramos…
Por isso, ao se tocarem nosso ramos
Celebro-te ainda além, Cantor Geral

Porque como eu, bicho pesado, voas
Mais alto e melhor no céu entoas
Teu furioso canto material!

Vinicius entre sua irmã Lygia e o escritor Rubem Braga, no casamento de Susana de Moraes com Rodolfo Sousa Dantas (1959).

Na crônica "Encontros", publicada no *Correio da Manhã* (1940), o próprio Vinicius arrola um conjunto de nomes dos seus pares, formadores de um grupo de excelência no Brasil. Além dos poetas estrangeiros com os quais o jovem diplomata se familiarizara, declara amizade e intimidade literária com Guilherme de Almeida, Octavio de Faria, Mário de Andrade, Augusto Frederico Schmidt, San Thiago Dantas, Gilberto Amado, Manuel Bandeira ("E banhei-me do verso exemplar de 'Estrela da manhã'"), Murilo Mendes e Carlos Drummond de Andrade ("Invejo-lhe a poesia descarnada e lúcida e como que iluminada por um sol fluido de aurora. Tenho em alta conta sua figura humana, seca e vibrá-

til, laminar"). São escritores do seu tempo que marcaram, ao lado de Rubem Braga e de tantos outros, a vida e a obra de Vinicius:

> Que excelente grupo fazem todos esses homens! Olhem que estive viajando, conhecendo gente nova, tive contato com grandes poetas ingleses, ouvi-os falarem, vi outros grupos de homens de espírito, mas nada assim como eles. Essa força lírica, essa poesia magistral que estão criando para o Brasil, esse impacto de ternura e sordidez, essa coragem diante da vida, essa modéstia real, esse socorro mútuo, essa discrição e esse escândalo com que vivem, só os encontrei neles, aqui entre nós, nesses pequenos grupos dentro do grande Grupo.

No breve poema "Saudade de Manuel Bandeira", a comoção sincera é porta-voz de um sentimento de gratidão:

Não foste apenas um segredo
De poesia e de emoção
Foste uma estrela em meu degredo
Poeta, pai! áspero irmão.

Neste e em outros poemas refinam-se linhagens de poetas, cujas afinidades e relações de ascendência não constituem razão para prova de vaidades. Assim, o mesmo Bandeira identificara no amigo "uma força criadora sem precedentes em nossa literatura". Afinando o encontro, podemos verificar que "Cinepoema" de Vinicius, desde a epígrafe (*O preto no branco*), dialoga com o poema "Água-forte" de Bandeira, recuperando-lhe o ritmo e as imagens:

O preto no branco,
O pente na pele;
Pássaro espalmado
No céu quase branco.

Com amigos no Cassino Atlântico, em Copacabana, Rio de Janeiro (1944). Da esquerda para a direita, Lauro Escorel, Carlos Jacinto de Barros, Tati de Moraes, Vinicius e Rubem Braga.

Vinicius inspira-se em "Água-forte" e transporta as imagens de um cenário quase misterioso, não identificado por Bandeira, para as areias de Copacabana, criando uma espécie de "curta-metragem" dramático.

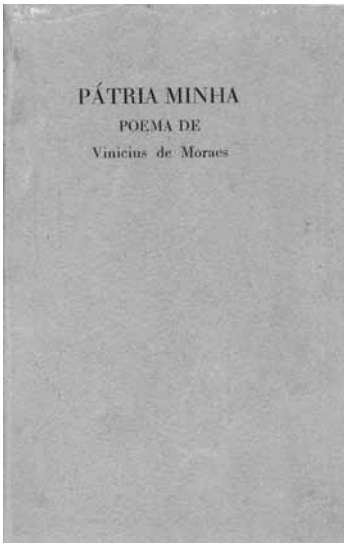
Muito atento ao que se passava no seu tempo e no Brasil, o poeta não perde de vista os projetos de urbanismo e de modernização do país. Vinicius homenageia num poema o edifício do Ministério da Educação, projetado por Oscar Niemeyer. Depois da mudança da capital para Brasília, o arquiteto é assunto de uma crônica do livro *Para viver um grande amor*.

Há muitas páginas dedicadas à arte do encontro. Além de "Imitação de Rilke", lembramos "Mensagem a Rubem Braga" — que estava na Itália, como correspondente de guerra —, "Soneto a Octavio de Faria", "Balada de Pedro Nava" e outras mais. Entre os brasileiros, a destacar ainda encontros com Graciliano Ramos, Candido Portinari, Carlos Scliar, Otto Lara Resende, Rodrigo Mello Franco de Andrade, Jayme Ovalle, João Cabral de Melo Neto, sem falar nas parcerias musicais.

João Cabral, de quem Vinicius já se tornara amigo e companheiro no mundo diplomático, edita em Barcelona (1949) cinquenta exemplares do poema "Pátria minha". Os dois poetas trocam-se poemas de homenagem, respectivamente "Retrato à sua maneira (João Cabral de Melo Neto)" de Vinicius e "Resposta a Vinicius de Moraes" de João Cabral.

Ler Vinicius de Moraes é lançar-se numa aventura sem preconceitos, é aceitar as regras de um jogo de surpresas em que o vencedor será sempre nossa face mais humana. Descobrir a obra é dimensionar a modernidade e a tradição, na trilha de um absoluto que ainda pode perdurar nos extremos da paixão, na imersão nos "perigos desta vida" e nos pactos mais generosos com a liberdade.

Vinicius pode reviver hoje nas novas gerações, recuperado nas edições e reedições da obra, em lançamentos de CDs e DVDs, além de filmes, peças de teatro e outras produções. O poeta continua, como um anjo rebelado ou como um Orfeu brasileiro que o seu próprio eu multiplicado inventou.



O cineasta Miguel Faria Jr. lançou, em 2005, o documentário *Vinicius de Moraes*, com produção de Susana Moraes, filha do poeta. O filme traz um grande elenco de parceiros, intérpretes, amigos e imagens raras de arquivo que auxiliam no conhecimento e compreensão da figura complexa de Vinicius. Há depoimentos de Chico Buarque, Ferreira Gullar, Carlos Lyra, Caetano Veloso, Maria Bethânia, Toquinho, entre muitos outros, e as canções do poetinha são interpretadas por Adriana Calcanhotto, Olívia Byington, Mariana de Moraes, Mart'Nália e Mônica Salmaso.

LEITURAS SUGERIDAS

VINICIUS DE MORAES: O POETA DA PAIXÃO, de José Castello. Companhia das Letras. É uma riquíssima biografia do "Poetinha", resultado de dois anos de pesquisa do autor, que envolveu centenas de entrevistas com suas mulheres, amigos, e parceiros. Aqui fica ainda mais evidente a vasta rede de relações do poeta.

INVENÇÃO DE ORFEU, de Jorge de Lima. Record. Neste livro, o poeta — que também tem obras consideradas modernistas — evoca, tal como Vinicius, o mito de Orfeu em poemas expressos em dez cantos de métricas variadas.

MUSICA POPULAR E MODERNA POESIA BRASILEIRA, de Affonso Romano Sant'anna. Landmark. Excelente livro que estuda as relações entre a música popular e a poesia literária brasileira ao longo do século XX. Como vimos, Vinicius transitou com facilidade entre os dois campos, deixando seu legado como poeta modernista e importante compositor da bossa nova.

VINICIUS DE MORAES, de Eucanaã Ferraz. Publifolha. Trata-se de um livro breve, porém profundo e informativo, de autoria de um especialista na poesia de Vinicius. O livro comenta a vida e a obra do grande poeta e aborda, ainda, as parcerias com Tom Jobim, Baden Powell etc.

ATIVIDADES SUGERIDAS

1. O caminho poético de Vinicius de Moraes abre-se a muitos horizontes. Através de leituras em diálogo, podem ser identificados temas recorrentes nas diferentes etapas. Como exercício, os alunos podem ler comparativamente poemas, canções e outros textos: buscar o papel e o sentido das palavras, analisar conteúdos, observar a forma, de modo a estabelecer aproximações e diferenças. É importante que o professor estimule a leitura da poesia, possibilitando a busca de opiniões e interpretações, mediante o auxílio necessário. A experiência com a música (ou gravações de poemas), por acionar mecanismos estéticos e a memória auditiva, traz excelentes resultados.

Alguns poemas e canções:
– "Soneto da quarta-feira de cinzas" (*Poemas, sonetos e baladas*) e a canção "Marcha da quarta-feira de cinzas", com letra de Vinicius de Moraes.
– "A mulher que passa" (poema) e "Garota de Ipanema" (canção).
– "O dia da Criação" e "O nascimento do homem".
– "Sursum" e "Os acrobatas" (*Poemas, sonetos e baladas*).

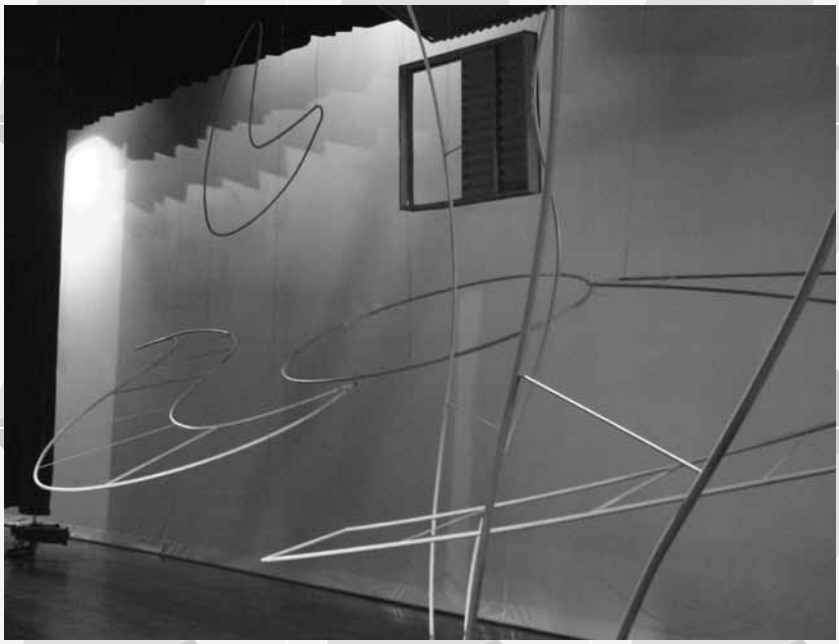
2. Vinicius é poeta de encontros e parcerias. Muitos temas da sua obra são tratados também por outros poetas e músicos. Os alunos podem comparar como diferentes autores abordam temas semelhantes. Por exemplo, o tema da construção urbana.

Sugestão de textos:
– "O operário em construção", poema de Vinicius de Moraes (*Nova antologia poética*) e "Construção", canção de Chico Buarque de Holanda: a forma, o desenvolvimento do tema, o contexto e outros aspectos.

Outros textos:
– "Operários em construção", uma pequena crônica escrita por Vinicius em 1953 e publicada no livro *Para uma menina com uma flor*.
– "Edifício esplendor", poema de Carlos Drummond de Andrade, publicado no livro *José*, de 1942.

3. Vinicius de Moraes produz sua obra em muitas vertentes: o popular e o erudito; o escrito e o oral; o antigo e o moderno; o universal e o nacional; a prosa, a poesia e a música.

– Ler o texto e ouvir a gravação de "Samba da bênção" e fazer comentários sobre a canção de Vinicius e Baden Powell.
– Pesquisar em *Orfeu da Conceição* alguns traços que identificam a cultura brasileira: música, linguagem, cenário, personagens.
– Procurar na poesia, na crônica, em CDs e em filmes elementos que expressem a riqueza e a diversidade da obra de Vinicius de Moraes.



Cenário de *Homenagem a Orfeu* (Auditório Ibirapuera, São Paulo, out. 2006), criado por Zé Carratu a partir do desenho de Oscar Niemeyer para a montagem de *Orfeu da Conceição*, de 1956.